

2007, o ano da criação de um museu novo¹. O MACE

Seleccionar um acontecimento em quase duas décadas, e estou a revisitar memórias de dezoito anos que são o início deste novo século, pode ser um exercício pautado por lapsos e incongruências, por vezes revelador de tudo aquilo que escapou à urgência do quotidiano, esquecendo eventos, edições, momentos ou acções que, ainda que episódicos, tenham marcado decisivamente o contexto social e cultural em Portugal e de um modo mais global no mundo em que vivemos, e que passámos a partilhar no fluxo fragmentado das redes sociais. Estes dezoito anos passados correspondem à existência temporal da revista UMBIGO, um dos projectos editoriais que se desenvolveu e actualizou sem ficar refém das mudanças, crises e transformações que ao longo de quase duas décadas reconfiguraram modos de ver e de agir, tanto na esfera pública como na esfera privada.



Fachada do MACE. Fotografia: Alberto Mayer

Na primeira década deste século, uma acção concertada entre um coleccionador privado e uma autarquia inscreve no panorama nacional um acontecimento cultural que é particularmente relevante para a área da cultura, propondo-se como um modelo de reflexão que não se fixa apenas no momento da sua criação, pois é essencialmente um modelo que se foi actualizando e adaptando às sucessivas transformações que o devir inexoravelmente exige. Refiro-me à criação do MACE – Museu de Arte Contemporânea de Elvas, que acolhe a Colecção António Cachola, fundado no ano de 2007.

O MACE é um museu criado e vocacionado para expor uma colecção de arte contemporânea que é propriedade de um coleccionador privado; localizado na cidade de Elvas, constitui-se desde o início como um polo de desenvolvimento local e um activo de várias sinergias culturais e sociais sob a tutela municipal da Câmara Municipal de Elvas, num contexto territorial que é Património Mundial da UNESCO e se localiza numa importante zona transfronteiriça, a zona raiana. A sua situação geográfica, numa relação de estreita proximidade com a cidade de Badajoz, assente numa forte relação histórica entre Portugal e Espanha, que se desenvolveu como um *modus vivendis* comum entre

dois povos com afinidades culturais formando um conceito de cidade multicultural que agrega três municípios, Elvas, Badajoz e Campo Maior, na ideia e na realidade que é o modelo da eurocidade.

A criação do museu está, assim, fortemente sedimentada na geografia do território onde o coleccionador António Cachola nasceu e desenvolveu a sua actividade profissional, uma motivação estruturante para compreender como a colecção está na génese da instalação do museu na cidade de Elvas, através do acordo protocolado com a Câmara Municipal daquela cidade para depósito e exposição da colecção. Deste modo, no ano de 2007, nasce um novo museu em Portugal, o MACE – Museu de Arte Contemporânea de Elvas, situado no antigo Hospital da Misericórdia de Elvas, um edifício construído no século XVI e posteriormente ampliado nos séculos XVIII e XX.²

O projecto de reconversão deste edifício histórico para ser adaptado às necessárias condições museológicas ficou a cargo de uma equipa constituída pelo arquitecto Pedro Reis e pelos designers Filipe Alarcão e Henrique Cayatte. A criação deste museu de arte contemporânea colocou-nos perante um factor de inovação no contexto social, cultural e político, como refere o historiador e curador de arte

João Pinharanda, que foi o primeiro e único director do museu, responsável pela primeira exposição da colecção no MACE e por outras iniciativas que colocaram este museu no mapa da arte e da cultura em Portugal e que, num texto intitulado *Primeiro Balanço de um Museu Novo*, afirma o seguinte: “O MACE surgiu, em 2007, num momento crucial, em que Portugal discutia, como nunca, o papel da arte contemporânea junto das populações, a questão das centralidades e periferias e o estatuto das colecções privadas nas suas relações com o Estado.”³

A colecção e o museu constituem de raiz uma unidade exemplar entre as iniciativas da sociedade civil e a resposta do Estado a estas, na convergência do que são os meios públicos e o seu património, e a vontade de partilhar um legado constituído única e exclusivamente pela iniciativa de um coleccionador privado, em prol da comunidade local e da inclusão numa esfera mais ampla e nacional. A criação deste equipamento cultural foi, sem dúvida, um momento assinalável para criar uma via para a descentralização no que respeita à localização e circulação de colecções de arte contemporânea, e a um enquadramento histórico de um determinado período da criação artística em Portugal. João Pinharanda refere, ainda no mesmo texto, esta necessidade de construir espaços de conhecimento do património contemporâneo e do seu contributo para o conhecimento do tecido cultural contemporâneo, uma questão sempre presente, enunciada na criação deste museu e de urgente actualidade no presente: “Por razões muito diversas, é cada vez mais difícil ter acesso, nos numerosos museus e centros de arte dedicados à arte contemporânea portuguesa, a uma história activa da realidade nacional; neste contexto, o MACE pretende afirmar-se como marco indispensável para esse conhecimento, insistindo na apresentação de obras fulcrais do período que abrange segundo estratégias temáticas e não meramente lineares.”⁴

Ainda no arco temporal destes 18 anos, dois acontecimentos vêm confirmar, quase uma década depois, as disposições tomadas em 2007. O primeiro foi a inclusão do museu na Rede Portuguesa de Museus, em 2015. O segundo, em 2016, foi o reconhecimento internacional pelo trabalho desenvolvido, tanto pela autarquia como pelo rigor e persistência do coleccionador, com a atribuição à Colecção António Cachola do Prémio “A” pela Fundación ARCO, distinguindo assim o coleccionismo privado português. Neste percurso, o museu como espaço e lugar de memória e da sua actualização representa um novo epicentro da geografia cultural, económica e social e da circulação da arte contemporânea em rede.

Neste novo século, também novo na esteira de contradições e de equívocos que a mudança sempre acarreta, a criação deste museu no ano de 2007 convoca ainda um desafio que se mantém presente, e que nos deve fazer reflectir sobre a dimensão social, cultural e pedagógica ins-

crita na constituição de um museu assente numa colecção em construção, que deve ser um contributo essencial para o desenvolvimento de uma sociedade que pretende mais inclusiva. //

—

¹ No título deste texto, “museu novo” foi resgatado ao texto da autoria de João Pinharanda no catálogo da primeira exposição da colecção António Cachola no MACE: “Primeiro balanço de um museu novo”, in *Colecção António Cachola – Museu de Arte Contemporânea de Elvas*, Câmara Municipal de Elvas, 2009, p. 15.

² *Colecção António Cachola – Museu de Arte Contemporânea de Elvas*, Câmara Municipal de Elvas, 2009, p. 25.

³ *Colecção António Cachola – Museu de Arte Contemporânea de Elvas*, Câmara Municipal de Elvas, 2009, p. 15.

⁴ *Colecção António Cachola – Museu de Arte Contemporânea de Elvas*, Câmara Municipal de Elvas, 2009, pp. 17 e 19.

* O autor não escreve ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico